

FOTOGRAFIA

Mostra em São Paulo reúne material de expedições

A exposição “Flávio de Carvalho – Expedicionário”, que reúne o material fotográfico produzido pelo artista modernista em cinco viagens pelo Brasil e ao Exterior, foi aberta nesta terça-feira (9) na Capital. Além de fotos, a mostra resgata também documentos, textos e objetos que recontam parte dessas jornadas de pesquisa realizadas entre 1934 e 1956. “Algumas das ações que ele fez no passado têm sido resgatadas como pioneiras na mistura entre arte e ciência. Nossa abordagem é sobre as expedições que ele fez pensando-as como intervenções artísticas. O conceito de artista-etnógrafo é posterior ao Flávio e ganha relevância nos anos 1970”, explica Renato Rezende, um dos curadores da mostra aberta na Caixa Cultural, na praça da Sé.

Parte do material, como as fotos tiradas por Flávio no Peru, na expedição aos Andes, nunca

foi exposta, de acordo com o curador. Essa coleção, em especial, foi organizada por um método semelhante ao proposto pelo filósofo alemão Aby Warburg, em que as imagens são agrupadas por semelhanças, em detrimento de critérios espaciais ou históricos. “A maneira como ele dispõe as fotografias no álbum, nas pranchas, lembra muito os procedimentos do Warburg. Fazendo relações entre imagens que se repetem”, enfatiza o curador. Porém, apesar da semelhança no método, Rezende destaca que Flávio não conhecia o trabalho do alemão.

DA EUROPA À AMAZÔNIA - Os registros foram selecionados a partir do acervo deixado pelo multiartista – Flávio foi pintor, desenhista, arquiteto, cenógrafo, decorador, escritor, teatrólogo, engenheiro e performer – para a **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**. A

primeira das viagens de Flávio, realizada entre 1934 e 1935, foi a expedição à Europa, que rendeu uma série de ensaios reunidos no livro “Os Ossos do Mundo”.

Podem ser vistas também imagens da jornada à Amazônia (1956), amplamente noticiada pela imprensa à época devido a série de extravagâncias do projeto. Flávio pretendia fazer um longa-metragem colorido – “A Deusa Branca” –, misturando ficção e documentação. Na exposição, está ainda sendo exibido um filme que retrata os diversos percalços enfrentados pelo grupo e os equipamentos cinematográficos na floresta.

Além da abordagem não usual de pensar Flávio de Carvalho como um artista-etnográfico, Rezende explica que a mostra também leva a compreender a arte brasileira que surge depois do neocretismo, que tem como nomes-chave Hélio Oiticica e Lygia Clark. (Agência Brasil)

Divulgação/Unicamp



Uma das obras fotográficas que se tornaram antológicas pelas lentes de Flávio de Carvalho